

Domingo é dia de Cinema – Dia 06 de Abril de 2008 – ODEON BR

FILME: A CULPA É DO FIDEL

DEBATE:

1959, 1968, 1973, 1989, 2008 – A CULPA É DO FIDEL?

DEBATEDOR

Carlos Walter Porto Gonçalves



Professor de Geografia da Universidade Federal Fluminense. Ganhador do Prêmio Casa de las Américas 2008 de Literatura Brasileira.

Material de apoio

Sinopse do filme

O filme começa na elegante festa de casamento de Isabelle e Mathieu, num vinhedo em Bordeaux, na França, em 1970.

A pequena irmã da noiva, Anna de La Mesa, de nove anos, é um tanto prematura, curiosa a respeito da vida dos adultos e recusa-se a se comportar como outras crianças de sua idade.

Anna, que sempre tira boas notas no colégio católico onde estuda e é boa aluna de natação, prefere imitar o requinte das damas da sociedade parisiense, como sua vó materna, a se misturar com crianças que mal sabem como tirar a casca de uma fruta e só sabem correr de lá pra cá e comer o tempo todo, como seu irmão caçula, François.

A mãe de Anna é a editora da revista Marie Claire, Marie de La Mesa, esposa do advogado Fernando de La Mesa, que tem origem espanhola.

Eram tempos difíceis na Espanha, que vivia sob a ditadura de Franco. Quino, cunhado de Fernando, havia sido assassinado criminosamente pelas forças do governo e a esposa dele, Margo e a filha, Pilar, haviam se mudado para Paris, como refugiadas políticas.

Fernando sempre soube das ligações de sua família com a militância política de esquerda mas havia preferido se afastar do problema anos atrás, mudando-se para a França, onde casou-se e teve filhos. Agora, com a morte de Quino, Fernando decidiu retomar às suas raízes e para isso programou uma viagem junto com a esposa para o Chile para acompanhar as eleições no país, onde Salvador Allende estava prestes a assumir a presidência.

Com a viagem dos pais, Anna fica em Paris com o pequeno François e a babá Filomena, refugiada cubana. Ao tentar explicar para a impaciente Anna o porquê da demora de seus pais em retornarem da viagem, Filomena acaba dando sua visão sobre quem são os comunistas ("aqueles barbudos vermelhos") e o que eles querem ("fazer a guerra nuclear") deixando Anna ainda mais confusa e assustada, principalmente quando vê seu pai retornar da viagem com barba.

O fato é que Fernando e Marie voltaram diferentes, falando em luta contra o imperialismo, solidariedade, engajamento, sistema de distribuição de riquezas, mudança para um apartamento menor, mudança de colégio da filha, troca de babá, controle de natalidade, aborto e até chamando o Mickey de fascista.

Comentários

1 **20/11/2007** Nota: **Ótimo** Enviado por: **Marcela**

O filme da diretora Julie Gavras acerta no ritmo, na dose de humor, na ambientação, no figurino, na temática, e principalmente na atriz mirim.

2 **29/12/2007** Nota: **Ótimo** Enviado por: **Fernando Dias Campos Neto**

Embora dirigido pela filha de Costa Gravas, Julie, hesitei em assisti-lo. Pensei: já vi esse filme! É um outro Adeus, Lenin". Mas, não! "A Culpa é do Fidel" é um excelente trabalho em torno da conscientização social de uma menininha ao conviver com pai, mãe e tios socialistas. E a pedagogia, um "endurecer, porém com ternura", acaba por amadurecer a mocinha, entre o assassinato do tio na Espanha de Franco e a rápida passagem de Allende pelo governo do Chile. É filme muito bom, inclusive como um apelo ao conhecimento da história do mundo vista por um plano mais moderno e mais justo. Premiada a categoria social.

3 **16/01/2008** Nota: **Ótimo** Enviado por: **Mila Oliveira**

Um filme maravilhoso. O amadurecimento da Anna com suas inúmeras dúvidas e questionamentos, suas impressões sobre o mundo que a cerca, seus valores, etc. Um filme que vale a pena ser visto.

1959

CANTADA - Ferreira Gullar

Você é mais bonita que uma bola prateada de papel de cigarro
 Você é mais bonita que uma poça d'água límpida num lugar escondido
 Você é mais bonita que uma zebra que um filhote de onça que um Boeing 707 em pleno ar
 Você é mais bonita que um jardim florido em frente ao mar em Ipanema
 Você é mais bonita que uma refinaria da Petrobrás de noite
 mais bonita que Ursula Andress
 que o Palácio da Alvorada
 mais bonita que a alvorada
 que o mar azul-safira da República Dominicana
 Olha, você é tão bonita quanto o Rio de Janeiro em maio e
 quase tão bonita quanto a Revolução Cubana.

1968

ENTENDENDO 1968

Em meados do século XX, o sistema produtivo internacional passou por um intenso processo de modernização. O Brasil viu a chegada crescente de empresas multinacionais, o setor de serviços se sofisticou e as demandas do mercado de trabalho tornaram-se mais seletivas. As exigências por profissionais de nível superior cresceram e encontraram o sistema universitário brasileiro despreparado para atender a esse novo padrão de desenvolvimento. No plano político, o país foi sacudido pelo golpe militar de 1964, que impôs um estado repressivo, uma ordem social autoritária e fixou diretrizes de caráter privatizante para a política de educação superior.

Foi nesse contexto que, sobretudo, os estudantes, realizaram uma série de manifestações que exigia do governo a expansão do número de vagas nas universidades públicas. "Os estudantes envolvidos naquele processo sabiam até certo ponto o que queriam, mas não sabiam tudo o que queriam. Protestavam por aumento de vagas, contra o autoritarismo dentro da universidade. Mas, como não havia uma clara linha ideológica, até porque não começou a partir de um partido político, era difícil precisar o que estava acontecendo", elucida Ronaldo Lima Lins. Além de reivindicarem aumento das vagas, os jovens criticavam os limites estabelecidos para o financiamento das Instituições de Ensino Superior (IES) públicas. A Reforma Universitária de 1968, que vinha sendo concebida pelo governo militar em parceria com a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (US. Agency for International Development), se por um lado modernizava o ensino por suprimir a figura da cátedra vitalícia e por introduzir a estrutura departamental, por outro reduzia os investimentos públicos na Graduação e atrelava a universidade brasileira aos padrões e modelos institucionais estadunidenses, o que acirrou o clima de revolta que se acumulava entre os universitários desde o golpe militar de 1964.

Mas as manifestações estudantis não se limitaram às questões internas da Academia. Todas as esferas da vida social foram sendo, gradativamente, questionadas. "Foi um ano surpreendente. Dessas surpresas que só a História reserva. Era surpreendente em vários níveis; era uma revolução feita essencialmente por jovens, cuja ação girava em torno da palavra liberdade. O movimento foi adotando uma linha de questionamento muito além da política, mas também da moral, de como as pessoas tinham de se comportar, como as pessoas tratavam o amor, a relação entre homem e mulher. Em 1968, as pessoas tinham um projeto, um projeto de preocupação social, de mudança das estruturas do país, de revolução nas artes e na cultura", observa Ronaldo Lins.

No Brasil, a principal luta era contra a ditadura militar. Perpetrado quatro anos antes, o golpe obteve apoio das camadas médias e conservadoras da sociedade. Com o agravamento da crise política e à medida em que segmentos desses estratos viam frustradas suas aspirações de ascensão social e, em certa medida, de restabelecimento do Estado democrático de direito, o regime ditatorial vê-se diante do risco de perda considerável da base social que lhe dava sustentação.

Contemporâneos dos movimentos libertários franceses, que conseguiram enfraquecer e levar à renúncia o então presidente Charles de Gaulle, os jovens brasileiros passaram a reivindicar o fim da ditadura: "ficou aquela atmosfera de esperança de uma alternativa que o mundo não conhecia, que não era restrita ao bloco soviético nem ao norte-americano. A História não tem certo ou errado. Os homens vão buscando seus caminhos, aprendendo ali, errando aqui. Quem viveu aquilo, viveu uma experiência intensa", afirma Ronaldo Lima Lins.

http://www.ufrj.br/detalha_noticia.php?codnoticia=5090

Sáb, 05 de janeiro de 2008 06:19

O artigo de Elio Gaspari sobre os "saudosistas de 68", publicado em 26 de dezembro, coloca em debate muito mais do que uma avaliação pessoal sobre um ano que "teria sido melhor que não tivesse existido". Tomemos o texto, pois, como um convite para refletir acerca do papel da memória coletiva, do passado re-lembrado e re-construído. As disputas sobre o significado do passado têm como objeto real os embates do presente e o que nos dizem a respeito da construção do futuro. Desde sempre se lançaram as elites ao apagamento da memória da luta social. Não por acaso, recentemente, na França, às vésperas das eleições, o hoje presidente Sarkozy convocava: "a questão é se a herança de 1968 deve ser perpetuada ou deve ser liquidada de uma vez por todas".

Gaspari sentencia: 68 "atrapalhou" a história. E nos "ensina" que a luta democrática contra as ditaduras jogou água no moinho autoritário e que a luta contra a agressão imperialista no Vietnã levou ao massacre promovido pelos khmers vermelhos no Cambodja. Advertência e lições para os jovens de hoje: fiquem quietos, não lutem, que a emenda pode ser pior que o soneto!

Desmoralizar, ridicularizar, enterrar, liquidar memórias ... para desmoralizar, ridicularizar, enterrar e liquidar esperanças, projetos sociais e históricos, é disso que se trata. Reescrever a história para tentar recolocar no lugar o que foi desarrumado por aqueles jovens abusados e radicais de 68. Então agora está combinado: os milhões de jovens, e não tão jovens assim, que foram às ruas em Paris e São Francisco, Praga e Rio de Janeiro, Estocolmo e México, entoar seus hinos à liberdade, que clamaram por justiça, por paz e por igualdade eram os autoritários e destrutivos ... não as ditaduras que combatiam, não as guerras que denunciavam.

Vivíamos, no nosso 1968, o quarto ano de uma ditadura militar que acabou se prolongando por um tempo àquela época inimaginável. A luta pela liberdade e pela igualdade que se espalhava pelo mundo ganhava, entre nós, dimensões particulares, e, por certo, mais dramáticas. Sentimentos libertários, utopias revolucionárias, revolução sexual, rock, música de protesto, redescoberta da música popular, cinema novo, modas e modos hippies, no Brasil tudo isso adquiria um novo e particular sentido na luta contra a ditadura militar.

E se 68 continua incomodando passados 40 anos, mais ainda incomodou os poderosos da época. Por seu caráter inovador, abrangente e maciço, a onda de lutas e manifestações, políticas e artísticas, culturais e comportamentais, pegou de surpresa as forças tradicionais, tanto de esquerda quanto de direita. Os primeiros condenaram as práticas incoerentes e provocadoras, o que, 40 anos depois, é retomado pela pouco original denúncia de radicalismo feita por Gaspari. Os segundos não foram capazes de discernir senão o desafio à ordem.

Na multiplicidade das formas de manifestação, na incontável diversidade dos grupos e tendências políticas e ideológicas, nas mais diferentes regiões do país, nos mais diversos países do mundo, um invisível e poderoso sentimento unificava tudo e todos: na guerra sem quartel que afetava rincões e nichos da vida social, estávamos travando o bom combate - pela liberdade, pela autonomia, pela igualdade, pela paz.

Pretendendo medir a produtividade de um período histórico, o jornalista conclui que 1968 foi um ano "improdutivo". Um nova historiografia ... "de resultados", quem sabe? De seu pobre realismo pragmático, ignora o extraordinário papel dos símbolos na construção dos movimentos sociais e, mesmo, das nações. Na memória coletiva do povo brasileiro, 1968 anunciou, e continua anunciando, que teria sido, e é, possível inventar um Brasil e um mundo mais justos, menos violentos, mais democráticos e livres. Não é por outra razão que os eventos daquele ano continuam a ser lembrados, e não só pelos sessentões aposentados. 1968 nos reafirma, aos que lá estavam e aos que vieram depois, que lutar faz sentido, se quisermos construir um destino diferente daquele a que nos condenam os que buscam surrupiar o passado para aprisionar o presente e monopolizar o futuro.

Nossa resposta é que devemos lembrar. E celebrar, também, porque lindas foram as lutas e esperanças de um tempo que se foi, mas que permanece presente. Mas, sobretudo, há que entender, para impedir que profetas do passado congelem em fórmulas simplórias, em verdades prontas e acabadas, um processo histórico que foi de enorme riqueza porque complexo, pleno de contradições, de tendências, de correntes de pensamento, de caminhos e descaminhos, de vias e vielas, atalhos e desvios, conseqüências esperadas e inesperadas, previsíveis e imprevisíveis, muitas das quais, quem sabe, ainda estão por vir.

Jean Marc von der Weid - Ex-Presidente da União Nacional dos Estudantes

Carlos B. Vainer - Professor Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro

1973

Compatriotas: é possível que silenciem as rádios, e me despeço de vocês.

Talvez seja esta a última oportunidade em que possa me dirigir a vocês.

A Força Aérea bombardeou as torres da rádio Portales e da rádio Corporación.

Minhas palavras não contém amargura, mas decepção, e serão elas o castigo moral para aqueles que traíram o juramento que fizeram, soldados do Chile, comandantes em chefe. (...)

Diante de tais fatos só me cabe dizer aos trabalhadores que não vou renunciar.

Envolvido num transe histórico pagarei com minha vida a lealdade do povo.

E digo-lhes que tenho a certeza de que a semente que entregarmos à consciência digna de milhares e milhares de chilenos não poderá ser segada definitivamente. Em nome dos mais sagrados interesses do povo, em nome da pátria, conclamo-os para dizer-lhes que tenham fé. A História não se detém nem com a repressão nem com o crime. Esta é uma etapa que será superada.

Este é um momento duro e difícil; é possível que nos esmaguem. Mas o amanhã será do povo, será dos trabalhadores. A humanidade avança para a conquista de uma vida melhor.

Trabalhadores de minha pátria: quero agradecer-lhes a lealdade que sempre manifestaram, a confiança que depositaram num homem que foi apenas intérprete de grandes anseios de justiça, que empenhou sua palavra de que respeitaria a constituição e a lei, e assim o fiz.

Este é o momento definitivo, o último em que eu possa dirigir-me a vocês.

Que aproveitem a lição. O capital estrangeiro, o imperialismo unido à reação, criou o clima para que as Forças Armadas rompessem sua tradição (...), vítimas do mesmo setor social que hoje estará em suas casas esperando conquistar com mão alheia o poder para continuar defendendo seus lucros e privilégios. Dirijo-me, sobretudo, À mulher humilde de nossa terra, à camponesa que acreditou em nós, a operária que trabalhou mais, À mãe que soube de nossa preocupação pelas rianças. Dirijo-me aos profissionais da pátria, aos profissionais patriotas, aos que faz dias estão trabalhando contra a sedição alimentada pelas associações profissionais, associações de classe para defender também as vantagens de uma sociedade capitalista.

Dirijo-me a juventude e àqueles que cantaram e entregaram sua alegria e seu espírito de luta, dirijo-me ao homem do Chile, ao operário, ao camponês, ao intelectual, àqueles que serão perseguidos, porque em nosso país o fascismo esteve presente nos atentados terroristas há muito tempo, destruindo pontes, cortando as vias férreas, explodindo os oleodutos e os gasodutos, diante do silêncio dos que tinham a obrigação de agir. Estavam comprometidos. A história os julgará.

Seguramente a rádio Magallanes será silenciada e o som tranquilo de minha voz não chegará a vocês. Não importa. Continuarão me ouvindo. Sempre estarei junto de vocês, pelo menos minha lembrança será a de um homem digno que foi leal com a pátria. O povo deve defender-se, mas não deve sacrificar-se. O povo não deve deixar-se arrasar nem crivar-se de balas, mas tampouco deve humilhar-se.

Trabalhadores de minha pátria, tenho fé no Chile e em seu destino. Outros homens superarão este momento este momento cinza e amargo, em que a traição pretende impor-se. Continuem vocês sabendo que, muito mais cedo que tarde, se abrirão as grandes avenidas por onde passarão os homens livres para construir uma sociedade melhor. Viva o Chile, viva o povo, viva os trabalhadores! (último discurso de Allende)

Allende tinha anunciado que não sairia vivo do palácio presidencial. Na América Latina, é tradição: todos dizem a mesma coisa. Depois, na hora do golpe de Estado, correm para o primeiro avião, ou para a embaixada dos EUA.

Às 12h20, depois de uns quinze minutos de bombardeio aéreo, o Palácio de la Moneda ardia por todos os lados. Dentro, o ar tóxico e a fumaça dificultavam a respiração. Allende e seus colaboradores distribuíram entre si as poucas máscaras anti-gás disponíveis. As duas dezenas de colaboradores civis conseguiram resistir, combatendo nos escombros, no interior do palácio em chamas uma hora mais. Por volta das 13h45 os primeiros soldados entravam na ala onde haviam se concentrado os sobreviventes. Pouco antes das duas da tarde morria Allende. Tinha nas mãos o fuzil com que havia combatido. Essa foi a primeira chacina das que se seguiriam em milhares de fábricas, povoados e campos.

1989

Eduardo Galeano - por Alexandre Costa

O jornalista e escritor Eduardo Hughes Galeano nasceu no inverno de 1940, em Montevidéu. Aos 14 anos já publicava desenhos que assinava como "Gius". Galeano fez de tudo: foi mensageiro, desenhista, peão em fábrica de inseticida, cobrador, taquígrafo, caixa de banco, diagramador, editor e peregrino pelos caminhos da América. Em Montevidéu dirigiu um semanário chamado Marcha e foi diretor do jornal Época. Preso pelo regime militar uruguaio, em 1973 começa seu exílio na Espanha. Transfere-se para a Argentina, onde funda a revista Crisis com Julio Cortázar, escritor e jornalista argentino. Em 1985, após 12 anos de exílio, Galeano retorna ao Uruguai. Para ele, as lembranças dos regimes militares ainda lhe causam muita dor. Quando ocorreu o golpe na Argentina, em março de 1976, vários de seus companheiros desapareceram e outros foram torturados. Nessa época, o escritor de Veias Abertas corria risco de vida, pois seu nome fazia parte de uma lista de procurados. Em uma entrevista, o escritor disse que a única maneira para a brutalidade das ditaduras não se repetir é manter a história viva.

Alexandre Costa - Como o senhor vê o neoliberalismo e a globalização?

Galeano - O sistema de poder vende a si mesmo como eterno, o amanhã é outro nome de hoje, e nos convida à aceitação como modo de vida. Estamos paralisados por este sistema de poder. É assim porque assim será e nós estamos nos acostumando a esta eternidade e aceitamos tudo como se fosse inevitável. Estamos cada vez mais prisioneiros do dinheiro. A globalização, para além do comércio internacional, nos impõe uma cultura universal que se apóia no medo. Esse é um mundo paralisado pelo medo que impede de nos mover, até de tomar medidas que eventualmente não sejam aceitas pelo FMI. Nunca o mundo havia sido tão desigual nas oportunidades que oferece e tão igual nos costumes que impõe. O símbolo perfeito é o McDonald's. Aconteceu a "mcdonaldização" do mundo. De certa forma, os pobres comem melhor que os ricos, que aceitam essa comida de plástico.

Alexandre Costa - O Movimento Zapatista seria um exemplo para romper estas desigualdades?

Galeano - Trata-se de um movimento muito importante, que alcançou a justa repercussão internacional. Começou como uma sublevação local de camponeses que se cansaram dos abusos e rapidamente se espalhou pelo país. A história do México está dividida em antes e depois de Chiapas e um dos motivos para isso é que o movimento faz um enlace entre o passado e o presente. Marcos não é indígena e havia ido a Chiapas para ensinar - uma dessas contradições da esquerda, influenciadas talvez pela idéia da ilustração. Humilde, percebeu que ele é quem tinha muito a aprender com a cultura maia, bastante misteriosa para nós e segundo a qual fomos criados pelo tempo e somos filhos dos dias. E ele foi capaz de projetar a reivindicação de Chiapas numa linguagem clara. Acima de tudo, ele tem senso de amor e de humor, coisa que em geral falta à esquerda.

Alexandre Costa - E Cuba?

Galeano - Cuba é um país com o qual eu tenho uma longa relação de amor. Cuba simboliza a dignidade. Mas isso não quer dizer que eu não tenha críticas e divergências ao sistema cubano. A minha relação com Cuba é muito verdadeira. E os amigos de verdade fazem críticas de frente. Eu penso que a onipotência do Estado não é a melhor resposta para a onipotência do mercado.

Alexandre Costa - Na sua opinião, o genocídio na América Latina continua?

Galeano - Os países que mais armas vendem ao mundo são os mesmos países que têm a seu cargo a paz mundial. Felizmente para eles, a ameaça da paz está se debilitando e o mercado de guerra se recupera e oferece promissora perspectiva de rendas e de carnicerías ao sul do mundo. Este é um mundo criminalmente organizado. Mata-se muito à bala, vende-se cada vez mais armas. De acordo com números de organismos internacionais é possível afirmar que se o mundo dedicasse 12 dias, apenas 12 dias, do dinheiro que gasta em armamentos para ajudar as crianças pobres do planeta, estas crianças poderiam ter escola, assistência médica e comida. Portanto não se mata apenas à bala. Mata-se também de fome e de doenças curáveis. E não se matam só os corpos, mas também a alma. Há corpos a andar por aí sem vida. E matam o ar, a água e a terra. E matam o mundo.

Alexandre Costa - Fale um pouco do Plano Colômbia.

Galeano - Na edição da revista Time de outubro de 1998, publicou-se matéria sobre a lavagem de 100 milhões de narcodólares de Raul Salinas, chamado senhor vinte por cento, porque é o que ele leva em cada operação do governo. Um relatório do Senado norte-americano mostrava que a operação havia sido feita pelo City Bank. A pergunta é: por acaso o City Bank foi preso? Quem vai preso são os negros e pobres, porque a luta contra as drogas é a máscara da guerra social. Trata-se de conter qualquer foco de rebelião e o grande exemplo é o Plano Colômbia. Os narcotraficantes são fiéis seguidores do neoliberalismo: onde há demanda, surge a oferta. E os grandes traficantes ou bancos que lavam dinheiro gozam da maior impunidade. Mas quem são os grandes traficantes dos Estados Unidos? Será que eles não existem? Só prendem grandes traficantes na Colômbia, na Bolívia, no México. E nos Estados Unidos, não existem grandes traficantes? Por isso, esta é uma guerra contra os pobres e somente contra os pobres.

Bibliografia Completa * Guatemala, país ocupado (1967) * As veias abertas da América Latina (1971) - Editora Paz e Terra * Vagamundo e outros relatos - (contos) * A Canção de nossa gente (1976) - Romance, Editora Paz e Terra. * Dias e noites de amor e de guerra (1978) - Editora Paz e Terra. * Memória do fogo (I) - Os nascimentos - Editora L&PM * Memória do fogo (II) As caras e as máscaras - Editora L&PM * Memória do fogo (III) O ciclo do vento - Editora L&PM * O livro dos abraços (1989) - Editora L&PM * Nós dizemos não (1989) - Crônicas, Editora Revan * Ser como Eles (1993) -

2008

DEZ RAZÕES PARA ENTENDER E SUPERAR A CRISE NA COLÔMBIA - 03/08 - <http://www.brasildefato.com.br/v01>

Carlos Walter Porto-Gonçalves

O recente episódio da invasão do território equatoriano por tropas do Plano Colômbia traz à luz o que até aqui estava sendo escondido: a necessidade de uma solução pacífica para a guerra civil que atinge aquele país desde *La Violência* de finais dos anos 1940. Não é a primeira vez que esse conflito interno colombiano desborda para além do seu território conforme já se registrou no Brasil, na Venezuela, no Peru e mesmo no Equador. O que a recente invasão do território de Equador traz de novo ao debate é a incursão militar efetuada unilateralmente por um Estado, o que se não for devidamente avaliada pode significar que a solução militar até aqui seguida pelo governo colombiano pode ser generalizada para outros países. Ao contrário, há que se envidar os melhores esforços no sentido de se encontrar uma solução política e não militar para o conflito e, para isso, alguns pontos são fundamentais para que se possa ter alguma lucidez no bom encaminhamento da questão.

- 1- O conflito interno colombiano tem raízes históricas muito próprias que, em boa parte estão ligadas à questão agrária ainda pendente no país. Até hoje nenhuma das classes sociais conseguiu estabelecer a sua legitimidade sobre o conjunto da sociedade o que é cabalmente demonstrado pelo fato de nenhuma delas ter conseguido exercer o controle sobre o conjunto do território.
- 2- Esse conflito armado interno colombiano vem sendo internacionalizado nos últimos 25 anos, sobretudo pelo deslocamento geográfico do cultivo ilícito de coca devido à visão militarizada introduzida pelos Estados Unidos no combate feito no Peru, com Fujimori à frente, e na Bolívia, desde o primeiro governo neoliberal de Gonzalo Sanchez de Lozada nos anos oitenta. Registre-se que esses dois governantes que tão denodadamente se dedicaram a essa política militarizada tiveram que deixar seus países pelas portas dos fundos, fugindo de amplas mobilizações *callejeras*, apesar dos "cinco minutos de glória" quando gozaram de alguma popularidade.
- 3- Desde então, uma visão meramente policial e militar na condução do problema vem tornando ainda mais complexos problemas que, por si mesmos, já eram complexos. Por exemplo, a coca no Peru, no Equador e na Bolívia tem um componente étnico-religioso que não se faz presente com a mesma dimensão na Colômbia, exceto em uma parte restrita no sul do seu território.
- 4- Assim, a expansão do cultivo ilícito de coca na Colômbia está associada à erradicação do seu cultivo na Bolívia e no Peru e, com isso, o problema da droga se imbrica com a questão social colombiana, onde a pobreza campesina se vê atraída para o cultivo de coca pelos elevados preços que esse setor da economia paga pela matéria prima. Como a questão social agrária colombiana está atravessada pelo conflito armado por razões específicas, a já complexa questão social colombiana se vê atravessada por uma problemática que lhe era estranha e que acaba por envolver todos os implicados no conflito com questões que lhes foram trazidas por uma visão militarizada do problema introduzida e financiada pelos Estados Unidos.
- 5- A Bolívia, o Peru, o Equador e a Colômbia não se caracterizam como países de elevado consumo de cocaína. O objeto do negócio da cocaína não é o consumo da droga, pelo menos para os que estão implicados na sua produção, no seu comércio e no seu financiamento, mas sim o dinheiro. Para uns, os camponeses, o dinheiro da coca é o seu ganha pão como pagamento de um trabalho que realizam e que tem um preço que não lhes pagam pelos cultivos lícitos como o café, o milho ou a cana. Já para outros - os negociantes, financiadores e industriais que se colocam a montante e a jusante do negócio - o dinheiro interessa enquanto lucro cujo desaguadouro natural são os grandes bancos para o que lançam mão dos paraísos fiscais liberalmente tolerados.
- 6- Assim, não podemos tratar da mesma forma os diferentes segmentos sociais implicados, até porque são diferentes as suas motivações no envolvimento da questão. Além disso, não há, na Colômbia, nenhum segmento envolvido no conflito armado que não esteja direta ou indiretamente implicado com a questão da droga que ali foi introduzida, sublinhe-se, pela equivocada visão militarizada do enfrentamento da problemática no Peru e na Bolívia. Tentar implicar qualquer um dos lados isoladamente com a questão da droga é o primeiro passo para não se resolver o problema. O paramilitarismo, o nome já o diz, implica um perigoso limite entre o legal e o ilegal e, na Colômbia, mantém comprovadas relações não com o cultivo de matéria prima, mas sim com a parte gorda do negócio, ou seja, na manufatura, no comércio e no financiamento. Todavia, se se quer superar de fato o problema há que se considerar que muitos os segmentos envolvidos com a questão - os camponeses, de onde guerrilha retira grande parte de seu suporte social e político; os pequenos e médios comerciantes; a indústria química (acetona) e de armas, além dos grandes bancos que é o destino final do dinheiro, exceto o dinheiro dos camponeses, é preciso ter isso bem claro. Aliás, é estranho que em vários países já se tenha legislações que despenalizam o usuário de droga

e não se tenha a mesma compreensão com relação aos camponeses pobres que se vêem lançados no cultivo de folha de coca e outras plantas criminalizadas.

- 7- A longevidade do conflito armado colombiano mostra por si só a incapacidade da sociedade e dos governos colombianos até aqui para resolvê-lo. E essa incapacidade ganhou agora uma dimensão perigosa pelo fato de o governo colombiano não conseguindo contê-lo dentro de suas próprias fronteiras resolve unilateralmente combater fora delas. A incapacidade dos governos colombianos resolverem seu conflito interno já havia sido externada quando tomaram a iniciativa, em 1999, de envolver os Estados Unidos com o Plano Colômbia e, já ali, a diplomacia colombiana dava as costas aos seus vizinhos como agora, unilateralmente, volta a fazê-los por meio de uma ação militar simplesmente desastrosa, para além de trágica.
- 8- Estamos diante de um perigoso precedente que exige uma lúcida análise por parte de toda sociedade latino-americana até porque esse conflito está legitimando a intervenção norte-americana nos assuntos internos da região, além de estar servindo de laboratório e campo de experimentação militar num cenário de guerra novo – o andino-amazônico. Sabemos que se trata de uma região estratégica não só pelos recursos naturais que abriga – biodiversidade, água e petróleo e gás, além de outros minerais – como também porque é território de comunidades indígenas e de afrodescendentes que detém um rico acervo de conhecimentos e que vem sendo atingida por um conflito que não é seu.
- 9- O deslocamento do conflito armado colombiano obriga os países latino-americanos a buscarem uma solução política e não militar para um confronto que o Presidente Uribe Vélez, contraditoriamente, explicitou, com sua ação desastrosa invadindo o território soberano do Equador. Afinal, o recado que sai desse episódio é claro: não controlando a Colômbia suas próprias fronteiras todos os países ficam obrigados a buscar uma solução para o conflito. E essa solução, definitivamente, do ponto de vista da sociedade civil latino-americana, que já sofreu tanto com ditaduras militares recentemente, não pode ser uma solução militarizada.
- 10- O momento, paradoxalmente, se mostra favorável para isso até porque, tudo indica, pelo menos um dos lados do conflito, a insurgência, parece estar dando demonstrações concretas de que quer uma solução negociada, com a libertação unilateral de alguns reféns. Embora tanto na política como na guerra a astúcia e as artimanhas sejam parte do jogo, só nos resta apostar no que está sendo posto em público, e nesse momento esse é a carta que os insurgentes estão pondo à mesa. Para quem quer a paz e não a guerra é um primeiro passo. Ou, pelo menos, como diz o ditado popular, “quando um não quer, dois não brigam”.

Carlos Walter Porto-Gonçalves é doutor em Geografia e Professor do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – e do Grupo Hegemonia e Emancipações de Clacso. Ganhador do Prêmio Casa de las Américas 2008 de Literatura Brasileira. Ex-Presidente da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1998-2000). Membro do Grupo de Assesores do Mestrado em Educação Ambiental da Universidade Autônoma da Cidade do México. Ganhador do Prêmio Chico Mendes em Ciência e Tecnologia em 2004 é autor de diversos artigos e livros publicados em revistas científicas nacionais e internacionais, em que se destacam: - “Geo-grafías: movimientos sociales, nuevas territorialidades y sustentabilidad”, ed. Siglo XXI, México, 2001; “Amazônia, Amazônia”, ed. Contexto, São Paulo, 2001; “Geografando – nos varadouros do mundo”, edições Ibama, Brasília, 2004; “O desafio ambiental”, Ed. Record, Rio de Janeiro, 2004; “A globalização da natureza e a natureza da globalização”, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2006 e El Desafío Ambiental, Ediciones PNUMA, 2006.

2008

LEIA A ÍNTEGRA DA CARTA DE RENÚNCIA DE FIDEL CASTRO

"Queridos compatriotas:

Lhes prometi na última sexta-feira, 15 de fevereiro, que na próxima reflexão abordaria um tema de interesse para muitos compatriotas. A mesma adquire desta vez forma de mensagem.

Chegou o momento de postular e eleger o Conselho de Estado, seu presidente, vice-presidentes e secretário. Desempenhei o honroso cargo de presidente ao longo de muitos anos. Em 15 de fevereiro de 1976, foi aprovada a Constituição Socialista pelo voto livre, direto e secreto de mais de 95% dos cidadãos com direito a votar. A primeira Assembléia Nacional foi constituída em 2 de dezembro desse ano e elegeu o Conselho de Estado e sua presidência. Antes, eu havia exercido o cargo de primeiro-ministro durante quase 18 anos. Sempre dispus das prerrogativas necessárias para levar adiante a obra revolucionária com o apoio da imensa maioria do povo.

Conhecendo meu estado crítico de saúde, muitos no exterior pensavam que a renúncia provisória ao cargo de presidente do Conselho de Estado em 31 de julho de 2006, que deixei nas mãos do primeiro vice-presidente, Raúl Castro Ruz, era definitiva. O próprio Raúl, que adicionalmente ocupa o cargo de ministro das Forças Armadas por méritos pessoais, e os demais companheiros da direção do Partido e do Estado, foram relutantes ao considerar-me afastado de meus cargos apesar de meu estado precário de saúde.

Era incômoda minha posição frente a um adversário que fez todo o imaginável para se desfazer de mim, e em nada me agradava satisfazê-lo.

Mais adiante pude alcançar de novo o domínio total de minha mente, a possibilidade de ler e meditar muito, obrigado pelo repouso. Me acompanhavam as forças físicas suficientes para escrever durante longas horas, as quais compartilhava com a reabilitação e os programas pertinentes de recuperação. Um sentido elementar comum me indicava que essa atividade estava a meu alcance. Por outro lado me preocupou sempre, ao falar de minha saúde, evitar ilusões no caso de um desenlace adverso, trariam notícias traumáticas a nosso povo no meio da batalha.

Prepará-lo para minha ausência, psicológica e politicamente, era minha primeira obrigação depois de tantos anos de luta. Nunca deixei de sinalizar de que se tratava de uma recuperação "não livre de riscos".

Meu desejo sempre foi cumprir o dever até o último alento. É o que posso oferecer.

A meus queridos compatriotas, que me deram a imensa honra de ser eleito em dias recentes como membro do Parlamento, em cujo âmago se devem adotar acordos importantes para o destino de nossa Revolução, lhes comunico que não aspirarei nem aceitarei --repito-- não aspirarei nem aceitarei o cargo de presidente do Conselho de Estado e comandante em chefe.

Em breves cartas dirigidas a Randy Alonso, diretor do programa Mesa Redonda da Televisão Nacional, que foram divulgadas por um pedido meu, se incluíam discretamente elementos desta mensagem que hoje escrevo, e nem sequer o destinatário das missivas conhecia meu propósito. Tinha confiança em Randy porque o conheci bem quando era estudante universitário de jornalismo, e me reunia quase todas as semanas com os representantes principais dos estudantes universitários, no que já era conhecido como o interior do país, na biblioteca da ampla casa de Kohly, onde se abrigavam. Hoje, todo o país é uma imensa Universidade.

Parágrafos selecionados da carta enviada a Randy em 17 de dezembro de 2007:

'Minha mais profunda convicção é de que as respostas aos problemas atuais da sociedade cubana --que possui uma média educacional próxima a 12 graus, quase um milhão de graduados universitários e a possibilidade real de estudo para seus cidadãos sem discriminação alguma-- requerem mais variantes de resposta para cada problema concreto que as presentes em um tabuleiro de xadrez. Nem um só detalhe se pode ignorar, e não se trata de um caminho fácil, se é que a inteligência do ser humano em uma sociedade revolucionária há de prevalecer sobre seus instintos.

'Meu dever elementar não é aferrar-me a cargos, nem muito menos obstruir o passo a pessoas mais jovens, senão aportar experiências e idéias cujo modesto valor provem da época excepcional em que vivo.

'Penso como Niemeyer que se deve ser conseqüente até o final.'

Carta de 8 de janeiro de 2008:

"...Sou decidido partidário do voto unido (um princípio que preserva o mérito ignorado). Foi o que nos permitiu evitar as tendências a copiar o que vinha dos países do antigo campo socialista, entre elas o retrato de um candidato único, tão solitário como solidário a Cuba. Respeito muito aquela primeira tentativa de construir o socialismo, graças à qual pudemos continuar o caminho escolhido."

"Tinha muito presente que toda a glória do mundo cabe em um grão de milho", reiterava naquela carta.

Trairia portanto minha consciência ocupar uma responsabilidade que requer mobilidade e entrega total, que não estou em condições físicas de oferecer. Eu o explico sem dramatismo.

Felizmente nosso processo conta com quadros da velha guarda, junto a outros que eram muito jovens quando se iniciou a primeira etapa da Revolução. Alguns quase crianças se incorporaram aos combatentes das montanhas e depois, com seu heroísmo e suas missões internacionalistas, encheram de glória ao país. Contam com a autoridade e a experiência para garantir a substituição. Dispõe igualmente nosso processo da geração intermediária que aprendeu junto a nós os elementos da complexa e quase inacessível arte de organizar e dirigir uma revolução.

O caminho sempre será difícil e requererá o esforço inteligente de todos. Desconfio das sendas aparentemente fáceis da apologética, ou da auto-flagelação antítese. Preparar-se sempre para a pior das variantes. Ser tão prudentes no êxito como firmes na adversidade é um princípio que não se pode esquecer. O adversário a derrotar é notavelmente forte, mas o temos mantido a distância durante meio século.

Não me despeço de vocês. Desejo somente combater como um soldado das idéias. Seguirei escrevendo sob o título "Reflexões do companheiro Fidel". Será mais uma arma do arsenal com a qual se poderá contar. Talvez minha voz se escute. Serei cuidadoso.

Obrigado.

Fidel Castro Ruz, 18 de fevereiro de 2008, 17h30"

A RENÚNCIA DE FIDEL - [Frei Betto](#)

Fidel Castro, 81, renunciou às suas funções de presidente do Conselho de Estado de Cuba e Comandante-em-Chefe da Revolução. Entregue aos cuidados de sua saúde, prefere manter-se fora das atividades de governo e participar do debate político – que sempre o encantou – através de seus artigos na mídia. Permanece, porém, como membro do Birô Político do Partido Comunista de Cuba.

No próximo domingo, 24, Raúl Castro, 77, será eleito, pelos novos deputados da Assembléia Nacional, para ocupar as funções de primeiro mandatário de Cuba.

Esta é a segunda vez que Fidel renuncia ao poder. A primeira ocorreu em julho de 1959, sete meses após a vitória da Revolução. Eleito primeiro-ministro, entrou em choque com o presidente Manuel Urrutia, que considerou radical as leis revolucionárias, como a reforma agrária, promulgadas pelo conselho de ministros. Para evitar um golpe de Estado, o líder cubano preferiu renunciar. O povo saiu às ruas em seu apoio. Pressionado pelas manifestações, Urrutia não teve alternativa senão deixar o poder. A presidência foi ocupada por Osvaldo Dorticós e Fidel voltou à função de primeiro-ministro.

Estive em Cuba em janeiro deste ano, para participar do Encontro Internacional sobre o Equilíbrio do Mundo, à luz do 155º aniversário de nascimento de José Martí, figura paradigmática do país. Retornei em meados de fevereiro para outro evento internacional, o Congresso Universidade 2008, do qual participaram vários reitores de universidades brasileiras.

Nas duas ocasiões encontrei-me com Raúl Castro e outros ministros cubanos. Reuni-me também com a direção da FEU (Federação Estudantil Universitária); estudantes da Universidade de Ciências Informáticas; professores de nível básico e médio; e educadores populares.

Ilude-se quem imagina significar a renúncia de Fidel o começo do fim do socialismo em Cuba. Não há nenhum sintoma de que setores significativos da sociedade cubana aspirem à volta ao capitalismo. Nem os bispos da Igreja Católica. Exceção a uns poucos que, em nome dos direitos humanos, não se importariam que o futuro de Cuba fosse equivalente ao presente de Honduras, Guatemala ou Nicarágua. Aliás, nenhum dos que se evadiram do país prosseguiu na defesa dos direitos humanos ao inserir-se no mundo encantado do consumismo...

Cuba não é avessa a mudanças. O próprio Raúl Castro desencadeou um processo interno de críticas à Revolução, através das organizações de massa e dos setores profissionais. São mais de 1 milhão de sugestões ora analisadas pelo governo. Os cubanos sabem que as dificuldades são enormes, pois vivem numa quádrupla ilha: geográfica; única nação socialista do Ocidente; órfã de sua parceria com a União Soviética; bloqueada há mais de 40 anos pelo governo dos EUA.

Malgrado tudo isso, o país mereceu elogios do papa João Paulo II por ocasião de sua visita, em 1998. No IDH 2007 da ONU, o Brasil comemorou o fato de figurar em 70º lugar. Os primeiros setenta países são considerados os melhores em qualidade de vida. Cuba, onde nada se paga pelo direito universal à saúde e educação de qualidades, figura em 51º lugar.

O país apresenta uma taxa de alfabetização de 99,8%; conta com 70.594 médicos para uma população de 11,2 milhões (1 médico para 160 habitantes); índice de mortalidade infantil de 5,3 por cada 1.000 nascidos vivos (nos EUA são 7 e, no Brasil, 27); 800 mil diplomados em 67 universidades, nas quais ingressam, por ano, 606 mil estudantes.

Hoje, Cuba mantém médicos e professores atuando em mais de 100 países, incluído o Brasil, e promove, em toda a América Latina, a Operação *Milagros*, para curar gratuitamente enfermidades dos olhos, e a campanha de alfabetização *Yo si puedo* (Sim, eu sou capaz), com resultados que convenceram o presidente Lula a adotar o método no Brasil.

Haverá, sim, mudanças em Cuba quando cessar o bloqueio dos EUA; forem libertados os cinco cubanos presos injustamente na Flórida por lutarem contra o terrorismo; e se a base naval de Guantánamo, ora utilizada como cárcere clandestino - símbolo mundial do desrespeito aos direitos humanos e civis - de supostos terroristas for devolvida.

Não se espere, contudo, que Cuba arranque das portas de Havana dois cartazes que envergonham a nós, latino-americanos, que vivemos em ilhas de opulência cercadas de miséria por todos os lados: "A cada ano, 80 mil crianças morrem vítimas de doenças evitáveis. Nenhuma delas é cubana." "Esta noite 200 milhões de crianças

dormirão nas ruas do mundo. Nenhuma é cubana."

Frei Betto é escritor, autor de "Calendário do Poder" (Rocco), entre outros livros.

1959

1 - (uff 99) "A Revolução Cubana era tudo: romance, heroísmo nas montanhas, ex-líderes com a desprendida generosidade de sua juventude - os mais velhos mal tinham passado dos 30 -, um povo exultante, num paraíso turístico tropical, pulsando com os ritmos da rumba" (HOBSEBORN, Eric. Era dos Extremos. SP, Cia das Letras, 1995, p. 427). O resultado da Revolução Cubana foi a organização de um estado comunista na América Latina, desafiando a política de domínio norte-americana. Essa nova realidade determinou o estabelecimento de relações entre Cuba e os demais países latino-americanos que tomaram caminhos e perfis diferenciados. A partir das relações entre Cuba e outros países latino-americanos analise as afirmativas:

I. " O Brasil reatou relações diplomáticas com Cuba em 1986, estabelecendo-se um ponto de partida para vários acordos comerciais e culturais entre os dois países.

II. O Movimento Sendero Luminoso, em El Salvador, sofreu influências profundas da Revolução Cubana.

III. Influenciada pela experiência cubana, a guerrilha paraguaia da década de 70 foi liderada por Alfredo Stroessner.

IV. A experiência socialista de Allende, no Chile, na década de 50, influenciou positivamente a Revolução Cubana.

V. A Frente Sandinista de Libertação Nacional, na Nicarágua, inspirou-se, em parte, na experiência cubana.

As afirmativas que estão corretas são as indicadas por:

(A) I III e IV

(B) I e V

(C) II, IV e V

(D) II e IV

(E) III e V

2 - (Ufg 2006) Há pouco mais de dez anos avaliava-se que o regime cubano não sobreviveria devido ao fim da União Soviética, principal parceiro comercial de Cuba, e à manutenção do embargo econômico-político promovido pelos Estados Unidos. Considerando-se essa situação,

a) indique duas medidas adotadas pelo governo que flexibilizaram o regime cubano;

b) explique um fator político-econômico que possibilitou a intensificação das relações de Cuba com o Brasil e a Venezuela.

1968

3 - (PUC 2001) 1968 foi um ano marcante para as experiências históricas de diversas sociedades. Há quem fale de uma conspiração planetária, caracterizada pela emergência de movimentos de contestação e revolta, nos campos político e cultural, envolvendo variados atores sociais _ intelectuais, estudantes, sindicalistas, artistas, membros do clero, entre outros. Os testemunhos abaixo ilustram um pouco da atmosfera daquele ano incomum.

"Em maio de 68, éramos um pouco o motor da história e, em vez de sofrermos sua ação, nós a fazíamos. Isto não é tão comum assim." Jean Pierre Dut'eull, militante francês

"Excelentíssimo povo brasileiro. Precisamos de homens que honrem as calças que vestem. Queremos liberdade." Anônimo brasileiro, em junho de 1968

(Textos extraídos de Daniel Aarão Reis e Pedro de Moraes. **68. A paixão de uma utopia**. Rio de Janeiro: FGV, 1998)

A) Tendo em vista os princípios da democracia liberal, **caracterize 2 (duas)** reivindicações daqueles que participaram das contestações de 1968, no Brasil, relacionando-as ao contexto político então vigente.

B) Identifique 1 (um) movimento de contestação ocorrido fora do Brasil no ano de 1968.

4 - (Ufrn 2004) Após o período denominado de milagre econômico (1968-1973), passou a ocorrer, no Brasil, o processo de reorganização espacial da indústria. Esse processo teve, entre outras conseqüências,

a) a adequação das empresas às novas formas de concorrência, reduzindo custos de produção, tendo em vista a disputa por mercados consumidores.

b) a elevação do custo da mão-de-obra, em decorrência da expansão do mercado de trabalho na região Nordeste.

c) a melhoria de infra-estrutura, facilitando a disputa de mercados emergentes em áreas de maior atração econômica, em especial na região Norte.

d) a intensa migração em direção à fronteira agrícola, provocando o crescimento do custo de produção das mercadorias.

1973

5 - (Ufop 2007) O dia 11 de setembro de 1973 foi marcado pelo golpe militar no Chile e pelo assassinato do Presidente Salvador Allende (1970-73), colocando fim ao governo da Unidade Popular (UP) e à "via chilena" ao socialismo.

Faça um pequeno texto caracterizando:

A) O que foi a "via chilena"?

B)) Qual era o cenário político da América do Sul nesse período?

1989

6 - (Ufscar 2005) A política de manutenção de um "Estado-Mínimo", preconizada pela doutrina neoliberal adotada no Brasil a partir da década de 1990, gerou forte desestatização da economia, com a privatização de empresas estatais.

Com relação a esse tema, é correto afirmar que, no Brasil,

- houve redução significativa do déficit público e do grau de endividamento externo do país.
- os setores de telecomunicações e energia elétrica estiveram entre os alvos preferenciais dos investidores estrangeiros.
- foram privatizadas somente as empresas que compunham setores deficitários da economia estatal.
- o setor ferroviário, por ter ficado fora do processo de privatização, não se modernizou e mantém sua malha sucateada.
- os investimentos estrangeiros foram liderados por Japão, Alemanha e países chamados de Tigres Asiáticos.

7 - (Fgv 2001) Mais de uma década após a queda do Muro de Berlim em 1989, novas fronteiras político-estratégicas e econômicas vêm sendo delineadas na Europa. As afirmações a seguir revelam o movimento atual dessas fronteiras, EXCETO que:

- a extinção da fronteira estratégica da "Cortina de Ferro" tem permitido a expansão de estruturas do bloco ocidental para os territórios do antigo bloco soviético.
- o alargamento do bloco ocidental europeu significa, por sua vez, o aprofundamento da influência estratégica norte-americana na Europa.
- Ucrânia e Belarus, integrantes da Comunidade dos Estados Independentes, funcionam como uma faixa estratégica entre o bloco ocidental e a Rússia.
- o espaço Centro-Europeu vem sendo reconstituído pelos investimentos alemães em países ex-socialistas como a Polônia, a República Tcheca e a Eslováquia, além de outros.
- após sua integração formal à Comunidade dos Estados Independentes, os Estados Bálticos, por intermédio da Polônia, estreitaram relações com a Europa Central.

2008

8 - (Pucsp 2007) A Bolívia já nacionalizou seus recursos fósseis (hidrocarbonetos) por três vezes: em 1937, quando a "Standart Oil" americana detinha a totalidade dos poços no país; em 1969, foi a vez da "Gulf Oil" e a atual nacionalização envolve várias empresas como a "Petrobras" do Brasil e a "Repsol" da Espanha, por exemplo.

Sobre essa nacionalização atual na Bolívia é correto afirmar que

- é um ato que nacionaliza apenas a exploração de gás natural e quer chegar até a incorporação do gasoduto Brasil-Bolívia como patrimônio exclusivo da Bolívia.
- é uma nacionalização das jazidas de hidrocarbonetos, mas que permite e quer negociar novos contratos de exploração dos recursos pelas empresas estrangeiras.
- a nacionalização desaloja empresas estrangeiras e garante o monopólio da exploração, refinamento e comercialização apenas para empresas bolivianas.
- é um ato que gerou revoltas na Bolívia, desestabilizando gravemente o governo atual, visto que as empresas estrangeiras são a única fonte de emprego no país.
- as ameaças militares do Brasil à Bolívia em razão da expropriação da Petrobrás levaram o país vizinho a realizar um recuo estratégico nessa ação.

GABARITO

1 - B

2. a) Duas medidas, das apresentadas abaixo, entre outras:

- mudança das leis sobre a agricultura; - reconhecimento da empresa privada; - incentivo ao turismo internacional; - formação de empresas de capital misto; - dinamização da vida cultural; - criação de mecanismos internos que possibilitem a captação e entrada de dólares no país.

b) Um fator político-econômico, dos apresentados abaixo, entre outros:

- a flexibilização do regime cubano, aliada à redemocratização da América Latina, à chegada ao poder de governos de esquerda ou centro-esquerda que se opõem à política estadunidense para o continente americano, intensificou as relações de Cuba com o Brasil e a Venezuela;
 - o aparecimento de um sentimento antiamericano, fortalecido mundialmente, devido ao poder econômico e militar que o governo estadunidense exerce sobre os países latino-americanos e os mais variados povos. Esse fenômeno intensificou as relações entre Brasil, Argentina e Cuba que se organizaram com vistas à defesa da soberania nacional e a participação mais efetiva na economia mundial, resguardando as especificidades e a importância da América Latina, no cenário mundial.

3 - **a)** No Brasil, movimentos sociais organizados reivindicavam a volta ao pleno Estado de Direito, substancialmente alterado pelo Golpe de 1964, através dos Atos Institucionais e da Constituição de 1967. A partir da promulgação desta última, houve o crescimento das manifestações de oposição ao regime. Estudantes propuseram uma reforma universitária, centrada no deslocamento das hierarquias de poder e na ampliação das vagas oferecidas para o ensino superior. Sindicalistas voltaram a se manifestar, em 1968, pressionando por aumentos salariais e denunciando as intervenções governamentais em suas corporações. Intelectuais e artistas criticavam os excessos da censura e as intervenções policiais em suas produções culturais. Membros do clero, preocupados com a violação dos direitos humanos, se juntaram às tantas vozes críticas aos desmandos do regime militar. Episódios como a morte do estudante secundarista Edson Luís, as manifestações e protestos no seu enterro e na Missa de Sétimo Dia, culminando na Passeata dos Cem Mil, transformaram 1968 em um ano emblemático ao congregar todos os grupos que clamavam pela liberdade, em oposição ao autoritarismo do governo

b) O candidato poderá indicar, por exemplo:

- as manifestações pacifistas contra a Guerra do Vietnã ou contra a instalação de mísseis nucleares norte-americanos, espalhados pelo planeta;
 - o movimento estudantil, na Europa (especialmente na França), nas Américas ou na Ásia (em particular, no Japão), externando uma vasta agenda de contestações: desde as questões específicas relativas às propostas de renovação da Universidade até as lutas políticas mais genéricas descritas nos outros tópicos dessa resposta;
 - o movimento negro norte-americano em luta pela conquista e afirmação dos direitos civis (Martin Luther King, principal liderança pacifista nos Estados Unidos é assassinado em abril de 1968);
 - o movimento feminista contra o machismo e a discriminação sexual;

- movimentos no Leste Europeu, na perspectiva de transformação do modelo socialista, rumo à maior liberalização interna, e críticos quanto ao controle soviético. Exemplo paradigmático foi a Primavera de Praga, na Tchecoslováquia.

4 - 6817. [A]

5 – a) A via Chilena foi também conhecida como a revolução passiva que introduzia o socialismo no Chile por vias democráticas.

b) Os países vizinhos do Chile vivenciavam a experiência de governos ditatoriais, como era o caso do Brasil desde 1964; do Paraguai com Strossner desde 1954; do Uruguai a partir de 1973. Na Argentina, havia a crise política e econômica que culminou com o golpe militar em 1976.

6. [B] 7. [E] 8. [B]